

O TEMPO

Anno II

PUBLICAÇÃO MENSAL

Num. 15

ASSIGNATURA

S. PAULO

ASSIGNATURA

Capital, anno . . . Rs. 5\$000

Pagamento adiantado

11 de Outubro de 1898

Inferior, anno . . . Rs. 6\$000

Numero avulso 100 rs.

EXPEDIENTE

Proprietarios: DIAS, PRADO & COMP

Toda a correspondencia deve ser dirigida à

RUA DE S. BENTO, 43

A redacção dá liberdade de pensamento, mas não se responsabilisa pelos artigos de seus colaboradores.

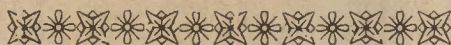
Onze de Outubro

Guardando intactas as esperanças que o bafejaram nos seus primeiros passos, elo scenario da imprensa, entra hoje «O Tempo» no segundo anno de existencia.

Quando a nossa patria, completamente desmoralizada pelo regimen da prepotencia e do sangue, chorava sobre os destroços de sua grandeza destruida, dentre a esfriada cinza, em que julgavam morta a voz da indignação, levantamos o protesto vehemente em nome de uma parte da mocidade. Perante a derrocada de nossa honra nacional não pudemos suffocar o grito de revolta; hasteando ousadamente o pendão da monarchia, procuramos congregar a mocidade que lida na campanha da restauração. A monarchia é a salvação; a monarchia é a honra; é o prestigio, é a reabilitação da patria. A experiencia, a longa e penosa experiencia a que está submettido o Brazil desde a triste data do advento da republica, cabalmente nos tem patenteado as vantagens do regimen monarchico. Um punhado de militares estabeleceram a republica á ponta de espada; o povo, bestializado, sem comprehender o lado mau da innovação, quedou-se perante a ousadia dos republicanos, e a nova forma de governo, adornada pela rhetorica dos apologistas louvaminheiros, tenta firmar-se

no pedestal que lhe construíram sobre um terreno vacillante. Reformou-se tudo segundo os moldes republicanos e tudo ficou desordenado, em condições lamentaveis. Cahiram depois as louvaminhas e appareceu a bruteza da realidade; foram-se depois os atavios e surgiu a face horripilante do producto de uma sedição. E' tempo de acabar com a experiencia. Pois que a sociedade não se molda ás reformas repentinas, voltemos ao regimen que deu ao Brazil maior somma de felicidades. Monarchistas, liguemo-nos contra o mal commum; levantemos o latego do protesto contra os actos desta republica infeliz.

«O Tempo» não desanima; continuará a bradar contra o aniquilamento da justiça, contra o dominio da força, contra o cynismo dos potentados: dar-lhe-á força a mesma grandeza da causa porque tem ousadamente luctado.



MANE, THECEL, PHARES

Semelhante ao tysico que procura disfarçar suas dores affectando uma alegria que não sente, acompanhando seus sorrisos alvares de golfadas de sangue, o Brazil se cobriu com emprestados mantos para entoar hymnos de louvores a um homem que nada fez, que tudo promete e que nada realisará.

Elle, o fatuo, não ouve nesesses hymnos os gemidos de uma nação entysicada, não vê nesse bater de palmas o entrechocar de ossos do esqueleto de um povo que foi grande, que se impunha, que era admirado. Julga-se um deus; pensa ter nas mãos o remedio que tudo sana; acredita que os louvores de escravos sem dignidade lhe dão a conhecer a *pedra-philosophal* da governança.

Desventurado!.. Cerra os olhos e deixa-se levar para o turbilhão das festas. Os gemidos de um povo opprimido não se perdem por falta de echo. Esse mesmo povo que hoje, por inexplicavel torpor, por vergonhosa allucinação, o acclama, o carrega em triumpho, amanhã, quando estalarem as ultimas cordas do indifferntismo, quando a primeira scintella de pudor atravessal-o, se reanimará, reagirá com desmedida energia; como o leão ferido trahicoeira-mente, rugirá, cheio de furia e como uma avalanche impetuosa rolará impellido de extraordinaria força, sobre os seus oppressores, sobre os seus sangrentos verdugos e os reduzirá á uma massa informe, horrivel.

E elle em nada disso pensa.

Entrega-se de olhos fechados aos braços de seus incensadores; sorri prasenteiro á um elogio de qualquer interesseiro; crê-se aguiã não passando de gavião.

Mas repetiremos com a personagem do drama.

«Tramble! on est aveuglé, quand on est ébloui.»

Os deslumbramentos de hoje se transformarão em cruas provações, a cegueira em negra realidade.

O povo é como a arvore batida pelos ventos: ora verga para este, ora para aquelle lado. Se o passaro que tem o ninho nos seus galhos não se precaver, corre risco de morrer suffocado pelas ramagens que o protegem. O protector então impunha o cutello do carrasco.

Exemplifiquemos.

No dia em que Luiz XVI solemnemente jurou no campo de Marte, diante do altar da patria, defender os direitos do povo, uma acclamação atrojadora respondeu ás palavras mal balbuciadas do infeliz monarcha.

Levaram-no em triumpho pelas ruas de Pariz. Tempos depois esse mesmo povo que o cubriu de acclamações invadia seu palacio e o arrastava para o cadafalco. A pa-

lavra eloquente de Mirabeau nesse tempo já se tinha extinguido. O ousado defensor do rei francez si ainda vivesse, sem duvida, teria a mesma sorte do seu constituinte, apezar de, como este, ter sido aclamado por esse mesmo povo que chorou a morte do patrono e bebeu o sangue do reo.

Que exemplo para o novo Presidente da Republica Brasileira.

Elle porém não terá um Mirabeau que, com seu verbo arrebatador, levante barreiras á furia de um povo electrizado, sedento de vingança.

Os gigantes do despotismo diante do povo revoltado, combatendo em prol de sua liberdade roubada, vergam a cerviz; tornam-se desprezíveis pygmeus.

Quando um povo oprimido ousa levantar a mão contra seu algoz, nada ha que o possa sustener, a sua victoria é infallivel.

Já temos por demais soffrido.

As paredes lateraes do edificio já cahiram, só está de pé a fachada. Por sobre as traves tombadas em cima do povo passeiam com a fronte alçada os feros oligarchas.

Não chegam até elles os gemidos dos infelizes suffocados pelo pó que o desmoronamentodas paredes produziu.

Eis que a confusão vai se ordenando, alguns já respiram; começa o desentulhamento.

E' o momento.

De lança em riste enfrentemos os oppressores.

O anjo da victoria paira risinho sobre nossas cabeças.

O espoucar das garrafas de *cham-pagne* já se assemelha á estalidos seccos de gatilho de carabina.

As trombetas de louvores calaram-se diante dos sons estridentes das dos levitas da Liberdade. As muralhas da Jerichó do despotismo começam a vacillar. Mais um esforço e teremos pulverizado á nossos pés o poder dos tyrannos brasileiros.

A aurora que saudou o Dr. Campos Salles se transformará em hedionda noite.

Já se vêm gravadas em letras de fogo, nos salões de banquete do Balthazar republicano as atterradoras palavras —

Mane, Thecel, Phares

MARCUS BRUTUS

EPISTOLAS FLUMINENSES

Triste, bem triste a posição do chronista nos tempos que correm. Os vastos horizontes políticos que, ás vezes, se mostram carrancudos, apresentam-se-lhe hoje diaphanos, nada transparecendo dessa translucidez.

Este estado de coisas não quer absolutamente dizer que o Brazil vae bem, não; tudo é apparente.

Os dominadores do dia acham-se ainda semi-tontos, apalermados, effeito ainda da nomeação d'El-Rei D. Baiacú I. á presidencia da Republica.

Dia a dia engrossa o numero dos bajuladores do futuro presidente, esse Demiurgo da Republica, a quem os Republicanos adoram, quaes outros platonicos ao Deus Creador.

Os engrossadores já se estão ageitando afim de se encaixar n'uma repartição rendosa, onde os biscates appareçam como agua.

Falta apenas um mez para o novo presidente assumir o poder, e não é fóra de tempo que estam começando os manejos de adulação.

Deixemo-nos, eu e os leitores, de coisas tristes. Hoje é um dia de alegria, de regosijo para todos os amigos d'*O Tempo*, pois elle completa o seu 1.^a anno de existencia fertil, pois abriu os olhos a muitos republicanos professos, que reconheceram em tempo o seu erro e arrenegaram o seu credo antigo.

Isto posto, o *chronographo*, péde licença aos leitores para abandonar hoje a politica, e os felicitar por esta dacta.

Quero, no dia de hoje, applaudir os actuaes redactores d'*O Tempo*: Armando Prado, Mario Prado, Plinio Barreto e Alcides Rudge, que souberam com dignidade levantar bem alto o nome deste apreciado periodico.

SEM RUMO

Um amigo pediu-me as columnas para umas considerações. Ahi estão ellas ao dispor delle, por tempo indeterminado.

« Theophrasto, profundo observador grego, talvez em nenhuma parte do mundo encontrasse specimens mais perfeitos para applicação de suas theorias sobre os *Caracteres* do que aqui em S. Paulo.

Quem meditar sobre aquellas paginas profundas de são ensinamentos, admiraveis pela subtiliza, agradaveis pelo desataviado do estylo, e estudar os nossos caracteres hade chegar a mesma conclusão que nós.

O dissimulador, o lisonjeador, o orgulhoso, o nescio, o estúpido, o tolo, o rustico, o fatuo etc., todos specimens de caracteres em fim, se acotovellam, se confundem, se baralham aqui em S. Paulo.

O orgulho, a necedade, a fatuidade e a dissimulação, são as senhoras reinantes, os astros em torno dos quaes tudo gira.

E, justamente, onde devia haver mais pureza, menos dissimulação e mais fraternidade, isto é, entre os estudantes, é que mais forte se ateia o fogo da corrupção moral.

Basta a superioridade de *anno* no curso que seguem dous rapazes para um tolo orgulho levantar barreiras entre ambos.

O mais superior olha o outro como de cima de um throno deve um rei fatuo olhar seus vasallos.

Se o inferior tem a ousadia de dirigir-lhe a palavra, são respostas asperas, indelicadas que consegue obter.

Julgando-se um talento superior não passando de uma mediocridade triste, em ninguem reconhece meritos intellectuaes, em trabalho de outrem nada encontra que preste; só elle reúne todas as qualidades, só elle é omnisciente e, talvez, quem sabe? os mais fatuos e nescios não se equiparem a Dante — o poeta-philologo e a outros genios de igual estatura.

Agora de igual para igual, isto é, o collega de *anno* para o collega de *anno*.

Estão em campo a dissimulação, a lisonja etc.

Chega-se um collega e mostra-lhe um trabalho qualquer. Nem o lê: corre os

olhos por cima, entrega-o ao auctor e accrescenta: excellente, o teu talento bellissimo não se desmente, sempre e sempre mostra a sua pujança.

Retira-se o outro agradecido.

Até ahi a lisonja, agora a hypocrisia. Chega-se ao 1.^o um seu adulator (pois sempre os ha); vira-se elle todo cheio de si para esse que o proclama rei dos cerebros e diz-lhe:

— *Fulano* (refere-se ao que mostrou o trabalho) é uma besta refinada; mostrou-me inda agora um trahalho a mais hedionda porcaria que se pode imaginar: sem fundo, sem forma, sem nada: um amontoado de palavras sem nexos, sem vida, sem expressão.

— Ah! Ah! Ah! e com quem veio elle se metter, logo comtigo! exclama o adulator servil. É mesmo um idiota aquelle typo.

Minutos depois, este lá está junto do *Fulano*.

— Admiro muito a tua intelligencia, és dos poucos que honram a nossa classe, assim se dirige elle, como mais refinado cynismo, áquelle que inda ha pouco chamára de idiota!

Que triste espectáculo!

Tecendo as mais vergonhosas intrigas entre uns e outros apparece finalmente

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO S. PAULO

Aquelles que tambem concorrem com a sua pedra para a edificação deste organ, isto é, a Ismael Cintra, Amadeu J. de Souza, abraça affectuosamente o velho amigo,

AMERICANUS.

O Tempo

Passa hoje o primeiro anniversario deste valente campeão da imprensa monarchista desta Capital.

Fundado por moços distinctos e de ardente patriotismo, com o unico fim de defender o fraco do dominio do forte; de combater dentro dos tramites legais a actual forma de governo que tanto nos tem infelicitado e de verberar energicamente os actos selvagens e indignos deste governo tyrannico e empastellador, implantado neste infeliz paiz á força de baionetas, tem sabido collocar-se superior a todos os ataques dos seus numerosos adversarios.

Com o lemma: *Tudo pela monarchia*, tem sabido impôr-se ao publico e tornar-se, sem duvida alguma, o jornal mais lido e mais bem recebido, entre os seus congeneres.

Como jornal bem escripto é incontestavelmente o primeiro; co-

mo politico é recommendado tambem como o primeiro, pelo seu grande mestre o «Commercio de S. Paulo.

O Tempo é pequeno na forma, mas é grande no fundo; para isso basta lançar os olhos para a sua actual redacção, composta de intelligencias elevadas e preciosas, como Oscarlino Dias, Armando Prado, Plinio Barreto, Alcides Rudge, que unidos pelo mesmo sentimento só engrandecem e honram a terra que os viu nascer.

Por motivos imperiosos este denodado orgão paulista deixou de apparecer por algum tempo; mas breve, os seus redactores, vencendo todos os obstaculos e seguindo fielmente o lemma: *Tudo pela monarchia*, fizeram-no reaparecer na arena jornalística, disposto sempre a combater pela Justiça e pelo Direito; é assim que *O Tempo* completa hoje um anno de existencia, cheio de luctas e de sacrificios. Terminando estas toscas linhas, congratulo-me com aquelles que estão á sua frente sempre dispostos para o combate, e faço votos ardentes, para que *O Tempo*, nunca desmereça da opinião publica e muito menos se envergonhe de suas crenças puras e sãs, e que continue sempre a proclamar bem alto, que a unica forma de governo, capaz de salvar o Brazil e compativel com a nossa indole é a *monarchia*.

FLACCUS HORATIUS.

BROTOEJAS

Leitores, por uma destas noutes chuvosas e feias sonhei que me achava presente a uma sessão do club I. R. A sala era escura; os socios guardavam a immobildade das estatuas. O presidente, numa voz cavernosa, declarou aberta a sessão. Parecia que alli se ia desenrolar uma tragedia sangrenta. Um dos socios pediu a palavra e, bracejando medonhamente, atirou uma accusação contra a pessoa de um outro socio. Este, tremulo e terrivel, disse: — Aguardo a proxima sessão para reduzir a zero a calumnia do Sr. F. A casa rompeu em applausos, e, por uma dessas circunstancias especiaes do sonho, mudou-se o scenario e eu estava na sessão subsequente de I. R., ansioso por ouvir a defeza tão longo tempo preparada. Era a mesma a immobildade dos socios; era a mesma a escuridão da sala. Levantou-se o socio accusado; sacou do bolso a defeza e começou num jorro de citações do codigo penal. Ao som da voz do meu collega, senti correr-me pelas veias o fluido do enthusiasmo. Ia no fim a defeza, quando surgiu por sobre a cabeça do orador a sombra do Genio e echoou pela sala uma voz mysteriosa: — Moçidade, sou o protector dos applicados que poem abaixo uma li-

aquelle que La Bruyère denomina *babil*. Tudo sabe, tudo conhece, sobre tudo discorre.

Falla horas e horas, sobre materia que ignora completamente; quer fazer prevalecer sua opinião, discute usando dos mais absurdos argumentos, nega a valia dos factos; repelle as provas que se lhe apresentam, conta que leu milhares de estatisticas imaginarias, que esteve em amistosa conversação com o jornalista A., o poeta B., o romancista C., o chronista D., etc. e que discutiram importantes pontos de litteratura (materia em que elle é leigo *in totum*) e, usando de uma expressão do escriptor grego, são capazes de fazer debandar um grupo de anciãos, caso se meta entre elles.

Quando falta assumpto, então, a vida alheia é que paga; d'ahi as rugas provenientes de intrigas.

Tal é em rapido esboço, o quadro actual dos *caracteres* predominantes entre os estudantes.

A falta de união e de communhão de vistas é corollario disso tudo. Dahi a queda de todos os empreendimentos de alguns espiritos que, por extraordinario esforço, conseguem manter-se acima dessa degradação total, em prol

da rehabilitação moral desse punhado de mancebos.

A fundação do *Atheneu Onze de Agosto*, na nossa Faculdade, é um caso recente que nos pode servir de exemplo.

Não queremos discutir quaes os intuitos de seu principal fundador, o intelligente moço Oliveira Ramos, ao dar esse passo; fossem quaes fossem, a verdade é que a idéa, na apparencia ao menos, era bonita e digna de ser levada a effeito.

Abstrahimo-nos de considerações de outros generos, não só por não fazer parte do programma que temos em vista, como tambem por haverem diversas versões, forjadas por alguns inimigos gratuitos desse moço, corrido mundo com o fim visivel de desmerecel-o. Longe de nós, tambem, procurar defendel-o: elle tem bastante capacidade para desprezar os aleives de seus de-tractores.

Aos nossos queridos inimigos, avisamos desde já, para evitar futuras complicações, que não mantemos relações estreitas de amizade com esse moço; tocamos em seu nome, porque observações a respeito de uma idéa acarretam referencias ao seu gerador. Nada mais. Atacaremos de frente.

De escarpello em punho iremos, uma a uma, examinando todas as pustulas o trabalho é repugnante mas o fim nobre.

Dividiremos os nossos trabalhos em tres partes.

1.^a parte: os estudantes de direito.

2.^a parte: os preparatorianos.

3.^a parte: os calouros,

No decorrer deste trabalho indicaremos as razões que nos levaram a excluir os calouros da lista dos estudantes de direito.

Avisamos tambem que não pertencemos a nenhuma dessas tres classes que já convivemos com todas ellas. Escreveremos, portanto, em falta de conhecimentos solidos, com a observação adquirida na convivencia com elles.

Já, cremos, não é pouco.

Isso pois será o assumpto de outros artigos.

Por conveniencia particular começaremos pelos *calouros*.

Ha nelles bons e máos; é necessario separal-os.

Mais tarde terão a explicação da preferencia que damos a elles, na ordem dos trabalhos. » Argos

GREGORIO DOS AMÔRES.

ARQUIVO

vraria para a producção de uma defeza. —

Assustado, arremelguei os olhos: estava no meu quarto. A luz da manhã penetrava pelas frinchas da porta e o padeiro berrava: Pãão!?

CALINO.

Anniversario

A 30 do mez proximo passado completou 18 annos de idade o nosso querido companheiro de redacção Oscalino Dias. Verdadeiro patriota, comprehendeu que a actual forma de governo não pode fazer a felicidade da patria, e, na impossibilidade de maior esforço, fundou «O Tempo» constituindo-o baluarte onde havia de bater-se destemidamente pela sua idea, sempre fiel ao seu programma de combate. Nós, que admiramos no anniversariante a inquebrantabilidade do character e a bondade do coração, abraçamo-lo affectuosamente.

Contos da Roça

“Roça de Contos”

Anacleto depois de dar brilhante remate á autopsia que, em sorte, lhe coube fazer de uma parte dos immortaes *Contos da Roça* do immortal B. X. passou-me a penna para eu continuar o trabalho.

O *Fiasco do João Barnabé* é o quarto conto na ordem de collocação a contar do Gustavo, o laçador o 5.º a contar das *Duas palavras*, e o 6.º a contar das *Obras do Autor*.

Resume-se no seguinte:

Num logar qualquer que a perspicacia do snr. Xavier não determina precisamente, via-se *in illo tempore* quando Adão pacificamente se divertia com seus netos e afilhados a jogar peteca, *uma choupana além da Matriz*, ao lado de um frondoso bosque, *a unica daquelle sitio taciturno*. Peço licença ao leitor para um parenthesis. Fiquei deveras pensativo ao ler este pedacinho por não saber qual ficava ao lado do bosque: si a choupana ou a Matriz. Ainda gosto de alguns innocentes divertimentos da infancia taes como andar pelos bosques caçando passarinhos; e lendo esse trecho do snr. Benedicto

senti o tal desejo me fazer coegas, e logo sonhei com um bosque frondoso, cheio de *tico-ticos, sabiás, bem-te-vis* etc, e eu a dar tiros alegremente, saltando de contente. Mas que pena! Cahiram por terra tantos castellos só porque o *diabo* do snr. Benedicto não determinou precisamente o logar onde se *levantava magestoso o frondoso bosque. Conta pr'a gente, vio nhô Dicto?*

Fecho o parenthesis e continuo. *Todas as noites, alli pelas nove horas um vulto alto vinha descendo por uma rua imaginaria, apesar de descer conseguia approximar-se d'aquella vivenda que o snr. Benedicto construiu no alto da collina! Re... pinicava a viola. Ora, como os re... pinicos de viola nunca se perdem por falta de auditorio, mestre Xavier descobriu uma Ritinha que, já deitada remechia no leito ao ouvir aquella voz que não lhe era de todo desconhecida e palpitava de ancia por ver o auctor daquellas trovas.*

Ora, comotudo tem fim, as ancias da Ritinha tambem tiveram um fim e sua curiosidade foi saciada. *Uma noite, formosa e suave noite de luar, não poude conter-se a menina; ao ouvir aquella voz levantou-se e pé ante pé e em trajas menores, entreabriu a janella. A voz rouca do sertanejo nesse momento solemnemente tremava:*

«Chorando lagrimas tristes

«Como quem se viu deixado.»

Não se conteve a Ritinha; escancarou a janella (o autor não diz mas deixa subentender) e oh! que ventura! era o *João Barnabé, o seu antigo amado, que ha tanto tempo seus olhos não viam quem assim cantava.*

Amor é bicho que coça e por isso os dous apaixonados ficaram em confidencia reciprocamente durante muitos minutos.

Si o leitor for malicioso, ja está pensando em cousas cabelludas, no caso contrario é capaz de jurar que a cousa termina em casamento. Pois nem uma nem outra cousa; agora é chegado o momento de *seu* Xavier mostrar a força de seu ingenho. Contra a espectativa das duas classes de leitores supra citados (estillo de tabellião) elle termina o conto com um *Fiasco*.

O *Barnabé* vai pedir a Rita em casamento, engana-se e pede-a em arrendamento. *Tableau*, devia ser a ultima palavra do conto.

Rapto é o titulo do seguinte conto.

O Malaquias, um sylpho, duende ou outro genio qualquer, que o snr. Xavier se esqueceu de apresentar aos leitores com todas suas dignidades, comendas ou simplesmente com seu chapéo de couro e sua calça de algodão xadrez, *mov-se de um lado para outro, ligeiro, arranjando em cargueiros barris de pinga. (!)* ao mesmo tempo que um outro ente desconhecido, fada ou demónio, xavielescamente baptisada com o nome de Josephina, *dava tambem mil voltas pela casa. Penteava o cabelo, vestia-se ás pressas, amarrava uma fita cõr de rosa ao alto da trança longa e preta, varria a casa, coitadinha! e depois de tudo arranjado, vinha postar-se á porta, mãos nos quadris, tendo os olhos cravados ao longo da estrada. Immenso!*

(Continúa)

SIMPLICIUS MAGNUS.

Devaneio

“Porque te havia eu de amar, ó Sol, se tu és o inimigo dos sonhos do imaginar, se tu nos chamas á realidade e a realidade é tão triste?”

E' a apostrophe que me faço a mim mesmo, ao contemplar o Astro Rei quando surge e quando descamba na immensidade do horizonte. Mas porque não hei de amar o Sol si elle é a Vida? Haverá coisa mais merencoria, mais triste que o monotono despénhar das chuvas? Não, por certo. Amo a Vida; amo, portanto, o Sol,

Hontem, ao morrer do dia calido de verão, alli pelo cair da tarde, tivemos uma entrevista... Ella, que ás vezes, quando está comigo, tem a crueldade de remirar o céu, em vez de me remirar a mim, que estou a seu lado, na terra, disse-me, apontando com o index cõr de rosa a *Estrada de S. Thiago*, que atravessava a esphera celeste quasi de Norte a Sul: «Em que estrella daquellas iremos nós viver, quando morrer-mos?»

Tapei-lhe a boquinha com um beijo, e um longo calefrio percorreu-me todo o ser, esse calefrio que amedronta a todos aquelles que, como eu amam esta vida e não a pretendem deixar tão cedo. E, emquanto ella scismava, tendo as duas estrellas rutilantes de seus olhos fixas nas esbranquiçadas estrellas do céu, eu a admirava de esconso e meditava na vida, no mero nada desta existencia ephemera. E assim ficamos, horas esquecidas, eu a pensar na minha querida, e ella a observar a longa faixa luminosa, polvilhada de milhões de estrellas.

Um borborinho de passos nos tirou dessa especie de espasmo. Dahi a momento appareceram o Motta, com aquelle risinho ironico, caracteristico, o seu primo Delphino, a chupar ballas de ovos e o Penteado, fransindo a testa. Toda essa gente veio trazer os parabens a minha bella, que nesse dia fazia annos. Era a 6 de Outubro. E não era sem razão que Amri parecia tão pensativa, pois penetrava os umbraes das dezeseite primaveras. Fiquei tão alvar, tão atoleimado que nem siquer soube aproveitar a occasião para cumprimenta-la tambem.

Antes tarde do que nunca. Aceita, boa Amri, as ruboras deste teu admirador, que te deseja todas as felicidades.

